



*O viajante alemão (Carlos Evelyn) na tribo: antropofagia com respeito*

## *Fiel, mas sem gosto*

*“Hans Staden” faz da história seu único tempero*

**D**iante de um personagem e de uma situação tão longínquos quanto esquecidos da história brasileira, o espectador de cinema tem todo o direito de questionar a fidelidade do que é mostrado nas telas. Ao menos dessa coranção, “Hans Staden” parece estar livre. O filme estréia hoje retomando um acontecimento assinalado na historiografia oficial mas também no imaginário dos primeiros tempos de Brasil. Mistura lenda, algum delírio e um certo folclore a fatos. É nessa fronteira, com uma saudável tendência para o registro oficial, que o cineasta Luiz Alberto Pereira trabalha a saga do viajante alemão vítima de um naufrágio na costa brasileira, no século XVI. Morador da vila de São Vicente, ele sai à procura de um escravo e quase termina devorado pelos índios tupinambás.

Hans Staden é seu nome. No filme, é vivido pelo ator Carlos Evelyn. O projeto tem um antecessor ilustre no mesmo tema. Trata-se de “Como Era Gostoso Meu Francês”, realizado por Nelson Pereira dos Santos, em 1970. O cinemanovista foi ousado e recriou a partir desse tema quase surreal, o que Pereira não arrisca fazer. Perde no que o outro tem de originalidade e irreverência.

Em compensação, conta sua história com todos os is. É uma intenção que não perde de vista a comemoração dos 500 anos. O rigor está na reconstituição do período, em Ubatuba, na bela fotografia, música e no respeito às línguas dos protagonistas — tupi, alemão, francês, além do português. Fatores que levaram o júri do Festival de Brasília a premiar a obra pela “excelência de realização”, além da trilha sonora (Marlui Miranda e Lélo Nazário) e direção de arte (Chico de Andrade).

A reserva do júri — “excelência da realização”. — irritou o diretor, que jogou seu prêmio, literalmente, no lixo. A justificativa para a premiação pode soar cabotina, mas define a base em que o filme se sustenta. Quem acompanha a carreira de Pereira (“Jânio a 24 Quadros” e “O Efeito Ilha”) vai reconhecer a ambição desse projeto. Pereira domina melhor seu material, ainda que isto signifique limites de criatividade na narrativa. Nesse sentido, é quase didático. Apresenta seu Staden em todas as etapas de sobrevivência na aldeia. Tido como alimento certo, o europeu loirinho criou diversas estratégias para ficar longe do caldeirão. Entre pontos de vista

pécie de divindade e curandeiro. De réu condenado, passou a hóspede.

É uma daquelas histórias já pronta para o cinema. O cineasta reconheceu essa afinidade no clássico “Viagem ao Brasil” (1557), em que Staden registrou sua aventura. Ao se ater à obra, Pereira demonstrou respeito e correção, mas abdicou de instrumentos que poderiam dar mais apelo ao filme. É uma falha que parece ser recorrente aos dramas históricos que foram parar nas telas, a lembrar o quadrado e pouco inspirado “Mauá — O Imperador e o Rei”, de Sérgio Rezende.

Em “Hans Staden”, faltam recursos dramáticos que enfatizem o encontro de duas culturas, o homem civilizado e o dito selvagem, os costumes do europeu e os do novo continente, enfim, as oposições sugeridas pelo tema. Esse choque que se supõe impactante, se transforma numa amistosa relação de compadres. O diretor pode não querer assumir um tom político de reflexão, mas perde a chance de trabalhar conceitos caros à história ao diluí-los como num almanaque de ginásio. A fidelidade e a cautela talvez sejam os maiores inimigos de “Hans Staden”, muito mais que os tupinambás. ■

(O.M.)